



P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

*Piloto de guerra*

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



ANTOINE  
DE SAINT-EXUPÉRY

Piloto de guerra

*Tradução e introdução de*  
MÔNICA CRISTINA CORRÊA







## PILOTO DE GUERRA

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY nasceu em Lyon aos 29 de junho de 1900. Foi piloto e escritor, conhecido como o “poeta da aviação” por ter feito de sua profissão a matéria-prima de seus livros. Piloto militar e civil, em 1926 foi contratado pela empresa de correio aéreo Latécoère em Toulouse (França). Pilotou entre Toulouse e Dakar, sendo nomeado chefe do aeródromo em cabo Juby (Tarfa, Marrocos) em 1927. Vivendo no deserto marroquino, escreveu *Correio sul* (1929). Entre 1929-31, Saint-Exupéry foi diretor, em Buenos Aires, da Aeroposta Argentina, braço da Aéropostale. Escreveu *Voo noturno* (1931), vencedor do prêmio Femina. Nesse curto período sobrevoou o Brasil, onde havia onze escalas da Aéropostale.

Em 1934, Saint-Exupéry entrou para a Air France no setor de propaganda e percorreu 11 mil quilômetros fazendo conferências. Dois raids que tentou executar junto com seu mecânico resultaram em acidentes quase fatais: em 1935, na rota Paris-Saigon, eles caíram no deserto da Líbia. Após três dias andando, os dois homens foram encontrados, quase mortos de sede, por beduínos; em 1938, no raide Nova York-Terra do Fogo, a dupla caiu na Guatemala logo ao decolar. Foram meses de recuperação, e o piloto ficou com muitas sequelas. A publicação de seu livro *Terra dos homens* (1939), premiado na França e nos Estados Unidos, traria novos momentos de glória. Em 1940, Saint-Exupéry se engaja como piloto de reconhecimento. Parte depois para os Estados Unidos e lá escreve *Piloto de guerra* (1942), *Carta a um refém* (1943) e *O pequeno príncipe* (1943), ilustrado por ele mesmo. Aos 44 anos, o piloto ainda se engaja e executa missões de reconhecimento junto a seu grupo 2/33. Desapareceu misteriosamente no curso de uma delas, em 31 de julho de 1944. Um bracelete com seu nome gravado foi resgatado do mar Mediterrâneo em 1998, o que conduziu aos destroços do avião que ele pilotava, um P-38 Lightning, em 2002. Todavia, as circunstâncias de sua queda ainda são investigadas.

MÔNICA CRISTINA CORRÊA nasceu em 10 de abril de 1966, em São Paulo (SP). É graduada em letras (português, francês e italiano), mestre e doutora em língua e literatura francesas e tem pós-doutorado em literatura comparada (Brasil-França), todos os títulos obtidos pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Traduziu obras de André Pieyre de Mandiargues, George Sand, Michel Serres, Tahar Ben Jelloun e Tzvetan Todorov, pelas quais recebeu bolsas de incentivo do governo francês. Foi colaboradora dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Valor Econômico* e das revistas *Cult*, *História Viva* e *Língua Portuguesa e Educação*. Responsabilizou-se pela curadoria de diversas exposições sobre a vida e a obra de Saint-Exupéry e sobre as empresas Latécoère e Aéropostale, e ainda correalizou o documentário *De Saint-Exupéry a Zepherri*, lançado em 2011 na França e no Brasil.

Atualmente vive em Florianópolis e é presidente da Associação Memória da Aéropostale no Brasil (Amab), trabalhando em conjunto com a Fondation Latécoère e a Succession Antoine de Saint-Exupéry pela memória da antiga companhia no Brasil.

## Sumário

Introdução — Mônica Cristina Corrêa

PILOTO DE GUERRA

*Cronologia*

*Sugestões de leitura*

— Anda logo... Cadê as minhas luvas? Não, não são essas... Procura na minha bolsa...

— Não achei, Capitão.

— Você é um imbecil.

São todos uns imbecis. Esse que não consegue achar as minhas luvas. E o outro, do Estado-Maior, com sua ideia fixa de missão em baixa altitude.

— Eu te pedi um lápis. Faz dez minutos que pedi um lápis. Não tem um lápis?

— Sim, Capitão.

Está aí um que é inteligente.

— Prende esse lápis num barbante. E amarra o barbante nesta botoeira aqui. Diga-me, Artilheiro, você não par ece ter pre ssa...

— É que estou pronto, Capitão.

Am. Bom.

E bifurco para o observador:

— Tudo bem, Dutertre? Não falta nada? Calculou as direções?

— Tenho as direções, Capitão.

Bom. Ele tem as direções. Uma missão sacrificada... Só lhes pergunto se é sensato sacrificar uma tripulação por informações de que ninguém precisa e, se um de nós ainda estiver vivo para reportá-las, nunca serão transmitidas a ninguém...

— O Estado-Maior deveria engajar espíritos...

— Para quê?

— Para que a gente possa comunicar-lhes essas informações esta noite, numa mesa girante.

Não fico muito orgulhoso da minha tirada, mas resmungo ainda:

— Os Estados-Maiores, os Estados-Maiores... Fossem eles fazer essas missões sacrificadas, esses Estados-Maiores.

Pois é longo o cerimonial de pôr uniforme, quando a missão surge como desesperada, e nos apetrechamos com tanto cuidado para sermos grelhados vivos. É trabalhoso vestir essas roupas espessas, triplas, sobrepostas, fantasiar-se com acessórios que usamos feito mascates, organizar o circuito de oxigênio, circuito de aquecimento, circuito de comunicações telefônicas entre membros da tripulação. É atrás dessa máscara que eu respiro. Um tubo de borra-cha me liga

ao avião, tão essencial quanto um cordão umbilical. O avião entra em circuito com a temperatura do meu sangue. O avião entra no circuito das minhas comunicações humanas. Acrescentaram-me órgãos que se interpõem, de algum modo, entre mim e meu coração. A cada minuto, me torno mais pesado, mais atulhado, mais difícil de manejar. Viro num bloco e, se me inclino para apertar as correias ou puxar os fechos emperrados, todas as minhas juntas gritam. Minhas antigas frações doem.

— Dá aqui outro capacete. Eu já te disse vinte e cinco vezes que não queria mais o meu. Está muito apertado.

Pois só Deus sabe por qual mistério o crânio incha em grande altitude. E um capacete normal no solo, a dez mil metros aperta os ossos como um torno.

— Mas esse é outro, Capitão. Eu troquei o seu capacete...

— Ah! Bom.

Pois resmungo mesmo, mas sem nenhum remorso. Tenho razão! Aliás, nada disso tem importância. A gente atravessa, nesse instante, o próprio centro do deserto interior de que eu falava. Só há cacacos aqui. Não me envergonho nem mesmo de desejar o milagre que mudará o curso desta tarde. Pane de laringofone, por exemplo. Sempre quebram, esses laringofones! Porcaria! Uma pane de laringofone livraria nossa missão de ser sacrificada...

O capitão Vezin me aborda com um ar sombrio. O capitão Vezin aborda cada um de nós, antes de partirmos em missão, com um ar sombrio. O capitão Vezin é encarregado, entre nós, das relações com os organismos de vigia dos aviões inimigos. Ele tem a função de nos informar sobre seus movimentos. Vezin é um amigo de quem gosto muito, mas é um profeta do infortúnio. Lamento que

me apanche aqui — diz-me Vezin —, é uma droga, uma droga, uma droga!

E ele tira papéis do bolso. Depois, olhando-me desconfiado:

— Por onde você sai?

— Por Albert.

— É isso mesmo. É isso. Ah! É uma droga!

— Não banque o idiota, o que há?

— Você não pode partir!

Eu não posso partir! Que bonzinho, o Vezin! Pois que obtenha de Deus Pai uma pane de laringofone!

— Você não consegue passar.

— Por que não consigo passar?

— Porque há três missões de caça alemã que se revezam constantemente sobre Albert. Uma a seis mil metros, outra a sete mil e cinco, e outra a dez mil.

Nenhuma deixa o céu antes da chegada das substitutas. Eles fazem interdição a priori. Você vai cair numa arapuca. E, depois, olha aqui!

E ele me mostra um papel, no qual rabiscou demonstrações incompreensíveis.

Seria melhor que Vezin me deixasse em paz.

As palavras “interdição a priori” me impressionaram. Penso nas luzes vermelhas e nas contravenções. Mas a contravenção, aqui, é a morte. Eu detesto principalmente o “a priori”. Tenho a impressão de ser pessoalmente visado.

Faço um grande esforço de inteligência. É sempre a priori que o inimigo defende suas posições. Essas palavras são estéreis. Que se danem, os caças! Quando eu descer a setecentos metros, é a D.C.A. que me abaterá. Não tem como me errar! Eis-me bruscam ente agressivo:

— Em suma, você vem me dizer, urgentemente, que a existência de uma aviação alemã torna minha partida muito imprudente. Vá correndo avisar o general...

Não custaria a Vezin me tranquilizar gentilmente, batizando seus tais aviões: “Caças circulando nas proximidades de Albert”.

O sentido era exatamente o mesmo!

Tudo pronto. Estam os a bordo. Falta testar os laringofones...

- Você está me ouvindo bem, Dutertre?
- Estou, Capitão.
- E você, Artilheiro, me ouve bem?
- Eu... Sim... Muito bem.
- Dutertre, você ouve o Artilheiro?
- Ouço bem, Capitão.
- Artilheiro, você ouve bem o tenente Dutertre?
- Eu... Sim... Muito bem.
- Por que você diz sempre “Eu... Sim... Muito bem”?
- É que estou procurando meu lápis, Capitão.

Os laringofones não estão quebra dos.

- Artilheiro, pressão do ar normal nos tubos?
- Eu... Sim... Normal.
- Os três?
- Nos três.
- Pronto Dutertre?
- Pronto.
- Pronto, Artilheiro?
- Pronto.
- Então, vamos.
- E eu decolo.

A angústia se deve à perda de uma verdadeira identidade. Se espero uma mensagem da qual depende minha felicidade ou meu desespero, sou como quem é lançado no nada. Enquanto a incerteza me mantém em suspense, meus sentimentos e minhas atitudes não passam de um disfarce provisório. O tempo cessa de fundar, segundo por segundo, como constrói a árvore, o personagem verdadeiro que me habitará em uma hora. Esse eu desconhecido vem ao meu encontro, de fora, como um fantasma. Então tenho uma sensação de angústia. A má notícia provoca não a angústia, mas o sofrimento: é completamente diferente.

Entretanto, eis que o tempo deixou de correr no vazio. Estou enfim instalado na minha função. Não me projeto mais num futuro sem rosto. Não sou mais

aquele que esboçará talvez uma espiral no turbilhão do incêndio. O futuro não me assombra mais, com o uma estranha aparição. Meus atos, doravante, uns após os outros, o compõem. Sou aquele que controla a bússola para mantê-la a 313 graus. Que regula a rotação das hélices e o aquecimento do óleo. São as preocupações imediatas e sãs. São preocupações da casa, os pequenos deveres do dia que suavizam o gosto do envelhecer. O dia se torna casa bem lustrada, assoalho bem encerado, oxigênio bem gasto. Eu controlo, com efeito, o consumo de oxigênio, pois subimos rápido: seis mil e setecentos metros.

— Tudo bem com o oxigênio, Dutertre? Está se sentindo bem?

— Tudo bem, Capitão.

— Ei, Artilheiro, o oxigênio está bem?

— Eu... Sim... Tudo bem, Capitão...

— Você ainda não achou seu lápis?

Torno-me também aquele que aperta o botão S e o botão A para controlar minhas metralhadoras. A propósito...

— Ei, Artilheiro, não tem uma cidade grande, atrás, em seu campo de tiro?

— Há... Não, Capitão.

— Vai. Teste as suas metralhadoras.

Ouçó suas rajadas.

— Funcionaram?

— Funcionaram.

— Todas as metralhadoras?

— Hã... Sim... Todas.

Eu também atiro. Pergunto-me aonde vão essas balas que lançamos sem escrúpulo ao longo dos campos amigos. Nunca matam ninguém. A terra é grande.

Cada minuto assim me alimenta de seu conteúdo. Eu sou alguma coisa tão pouco angustiada quanto um fruto amadurecendo. Decerto, as condições do voo mudarão à minha volta. As condições e os problemas. Mas estou inserido na fábrica ção desse futuro. O tempo me molda a os poucos. A criança não se assusta por pacientemente transformar-se num velhinho. É criança e brinca suas brincadeiras de criança. Eu brinco também. Conto os mostradores, os manetes, os botões, os manches de meu reino. Conto cento e três objetos a verificar, puxar, virar ou empurrar. (Só blefei ao contar como dois o comando de minhas metralhadoras: ele tem um pino de segurança .) Vou divertir o fazendeiro que me hospeda esta noite. Vou lhe dizer:

— O senhor sabe quantos instrumentos um piloto hoje em dia precisa controlar?

— Como é que você quer que eu saiba?

— Não faz mal. Diga um número.

— Que número você quer que eu diga?

Pois me u fazendeiro não tem nenhum tato.

— Diga qualquer número!

— Sete!

— Cento e três!

E ficar ei contente.

~~Minha paz está feita também porque todos os instrumentos de que estava atulhado tomaram seus lugares e receberam seu significado. Essas tripas de tubos e cabos viraram rede de circulação. Eu sou um organismo contíguo ao avião. O avião fabrica meu bem-estar, quando giro determinado botão que aquece, progressivamente, minhas roupas e meu oxigênio. O oxigênio, aliás, está quente demais e está me queimando o nariz. Esse oxigênio é consumido proporcionalmente à altitude, através de um instrumento complicado. E é o avião que me alimenta. Isso me parecia desumano antes do voo; e agora, amamentado pelo próprio avião, sinto por ele uma espécie de ternura filial. Uma espécie de ternura de lac tente.~~

Quanto a meu peso, distribuiu-se em pontos de apoio. Minha tripla espessura de roupas superpostas, meu pesado paraquedas dorsal pesam contra o assento. Minhas botas enormes se apoiam nos pedais. Minhas mãos espessamente enluvadas e duras, tão desajeitadas no solo, manobram o manche facilmente.

Manobram o manche... Manobram o manche...

— Dutertre?

— ... pitão?

— Verifique primeiro seus contatos. Está picotando. Você está me ouvindo?

— Sim..., Capi...

— Sacode essa porcaria! Está me ouvindo?

A voz de Dutertre volta a ficar clara:

— Estou ouvindo muito bem, Capitão.

— Bom. Ainda hoje em dia os comandos gelam : o manche está duro; quanto aos pedais, estão completamente emperrados!

— “É um a beleza.” Qual altitude?

— Nove mil e sete.

— E o frio?

— Quarenta e oito graus.

— E o seu oxigênio, tudo bem ?

— Tudo bem, Capitão.

— Artilheiro, o oxigênio está o.k.?

Nada de resposta.

— Ei, Artilheiro!

Nada de resposta.

— Você está ouvindo o artilheiro, Dutertre ?

— Não estou ouvindo nada, Capitão.

— Cham e-o!

— Ei, Artilheiro! Artilheiro!

Nada de resposta.

Mas antes de mergulhar, sacudo brutalmente o avião para acordar o outro, caso estivesse dormindo.

— Capitão?

— É você, Artilheiro?

— Eu... Hã... Sim.

— Você não tem certeza?

— Tenho.

— Por que não respondia?

— Estava fazendo um teste de rádio. Tinha desligado!

— Você é um canalha! Tem que avisar! Quase mergulhei: achei que estivesse morto!

— Eu... Não.

— Acredito na sua palavra. Mas não me apronte mais uma dessas! Avise-me, pelo amor de Deus, antes de desligar.

— Perdão, Capitão. Entendido, Capitão. Avisarei.

Pois a pane de oxigênio não é sensível ao organismo. Ela se traduz por uma euforia vaga que termina, em alguns segundos, com o desmaio e, em alguns minutos, na morte. O controle permanente do consumo desse oxigênio é então indispensável, tanto quanto o controle, pelo piloto, do estado de seus passageiros.

Aperto um pouquinho, então, o tubo de alimentação de minha máscara, a fim de sentir no nariz as golfadas quentes que trazem a vida.

Em suma, executo meu trabalho. Não experimento nada além do prazer físico de atos nutridos de sentido que bastam por si mesmos. Eu não tenho nem o sentimento de um grande perigo (estava, ao contrário, preocupado, quando me vestia), nem o sentimento de um grande dever. O combate entre o Ocidente e o nazismo se torna, dessa vez, na escala de meus atos, uma ação por manetes, alavancas e torneiras. É bem assim. O amor por seu Deus, no sacristão, faz-se

am or pelo acendimento das velas. O sacristão anda com passo indiferente, numa igreja que não vê, e ele fica satisfeito em fazer florir, um a um, os candelabros. Quando todos estão acesos, ele esfrega as mãos. Está orgulhoso de si.

Eu regulei admiravelmente a rotação das minhas hélices, e mantenho o cabo a quase um grau. Isso deve maravilhar Dutertre, se, todavia, ele observar um pouco a bússola...

— Dutertre... Eu... A agulha da bússola... Tudo bem?

— Não, Capitão. Muita deriva. Incline à direita.

Paciência!

— Capitão, estamos passando as linhas de contato.

Começo minhas fotos.

— Qual a altitude em seu altímetro?

— Dez mil.

Por que esse ra ciócnio me e parecia ilusório enquanto eu nada tinha a obje tar? Eu pensava: “Os intelectuais se mantêm na reserva, com o vidros de conserva nas prateleiras da Propaganda para serem comidos depois da guerra...”. Não era uma resposta!

Hoje, ainda, como os camaradas, decolei contra todos os argumentos, todas as evidências, todas as rea ções do mom ento. Chegará a hora em que sabere i que tinha razão contra minha razão. Eu me prometi, se eu viver, fazer esse passeio noturno através da minha vila. Então, talvez, eu mesmo me habitue, enfim. E verei.

Talvez nada tenha a dizer sobre o que eu vir. Quando uma mulher me parece bonita, eu não tenho nada a dizer a respeito. Eu a olho sorrir, simplesmente. Os intelectuais desmontam o rosto para explicar os pedaços, mas não veem mais o sorriso.

Conhecer não é desmontar nem explicar. É chegar à visão. Mas para ver, convém primeiro participar. É um a dura aprendizagem ...

Durante todo o dia, minha vila esteve invisível para mim. Tratava-se, antes da missão, de paredes de estuque e de camponeses mais ou menos sujos. Trata-se agora de um pouco de c asca lho a dez quilômetros abaixo de m im. Eis a m inha vila.

Mas, essa noite, talvez, um cão de guarda desperte e ladre. Eu sempre experimentei a magia de uma cidadezinha que sonha alto, pela voz de um único cão de guarda na noite clara.

Não tenho nenhuma esperança de me fazer compreender, o que me é absolutamente indiferente. Que se mostre, simplesm ente, a m im, a trás das portas

fechadas sobre provisões de grãos, sobre o gado, os costumes, minha vila bem como tudo para dormir

Os camponeses, no retorno dos campos, tendo servido a refeição, posto as criança s para dormir e assoprado o lam pião, se fundirão em seu silêncio. E nada mais haverá senão, sob os belos lençóis engomados do campo, os lentos movimentos de respiração, como de um resto de marulho, depois do temporal, sobre o mar.

Deus suspende o uso das riquezas durante o balanço noturno. A herança reservada me aparecerá, assim, mais claramente, quando os homens repousarem, com as mãos abertas pelo jogo do sono inflexível que relaxa os dedos até o am anhec er.

Então, talvez eu contemple o que não tem nome. Terei andado como um cego cujo tato conduziu ao fogo. Ele não saberia descrevê-lo e, no entanto, o terá encontrado. Assim, talvez, mostre-se o que convém proteger, o que não se vê, mas dura, à m aneira de um a bra sa, sob a c inza da s noites de vila.

Eu nada tinha a esperar de uma missão fracassada. Para compreender uma simples vila, é preciso primeiro...

— Capitão!

— Sim?

— Seis caças, seis, na frente, à esquerda!

Isso soou como um trovão. É preciso... Precisa... Eu gostaria: entretanto, de ser pago a tempo. Gostaria de ter direito ao amor. Gostaria de saber por quem

vou morrer...

---

\* O autor se refere às várias tentativas que fizeram para dissuadi-lo de participar em esquadilhas, justamente por já estar com mais de quarenta anos e ter muitas sequelas de seus acidentes anteriores. (N. T.)

— Artilheiro!

— Capitão?

— Você ouviu? Seis caças, seis, na frente, à esquerda!

— Ouvi, Capitão!

— Dutertre, eles nos viram?

— Viram. Viraram para nós. Nós estamos quinhentos metros acima.

— Artilheiro, ouviu? Acima quinhentos metros.

— Dutertre! Longe ainda?

— ... alguns segundos.

— Artilheiro, ouviu? Estarão na cauda em alguns segundos.

— Agora estou vendo! Um enxame de vespas envenenadas.

— Artilheiro! Passaram no través. Você vai ver num segundo. Ali!

Eu... Não estou vendo nada. Ah! Vi!

— Eu não os vejo mais!

— Estão no nosso encalço?

— Estão no nosso encalço!

— Subindo rápido?

— Não sei... Não creio...

— Não!

— O que o senhor decide, Capitão?

Foi Dutertre quem falou.

— O que você quer que eu decida! E nos calam os.

Não há nada a decidir. Isso pertence exclusivamente a Deus. Se eu virasse, encurtaria o intervalo que nos separava. Como continuamos em frente, na direção do sol, e em grande altitude não se sobe quinhentos metros sem perder o alvo por alguns quilômetros, pode ser que antes de atingirem nossa altura, quando retomam sua velocidade, já nos tenham perdido ao sol.

— Artilheiro, ainda?

— Ainda.

— Passamos deles?

— Hã... Não... Sim!

Pertence a Deus e ao sol.

Prevendo o eventual combate (embora um Grupo de Caça mais assassine do

que combata), eu me esforço, lutando contra ele com todos os meus músculos, para desbloquear meus pedais gelados. Tenho uma estranha sensação, mas ainda tenho os caças nos olhos. E ponho todo o meu peso nos comandos rígidos.

Uma vez mais observo que estou, de fato, menos comovido nesta ação, a qual, entretanto, reduz-me a uma espera absurda, do que eu estava ao me equipar. Sinto também uma espécie de raiva. Uma cólera benfazeja.

Mas nenhuma embriaguez do sacrifício. Tenho vontade de morder.

— Artilheiro, nós os alcançamos?

— Alcançamos, Capitão.

Vai dar.

— Dutertre... Dutertre...

— Capitão?

— Não... Nada.

— Que foi, Capitão?

— Nada... Achei que... Nada...

Eu não lhes direi nada. Não é coisa que se apronte. Se ensaiar uma espiral, eles verão o. Verão que estou esboçando uma espiral...

Não é normal que eu esteja ensopado de suor com cinquenta graus de frio. Não é normal. Oh! Já entendi o que está acontecendo: desmaio devagarinho.

Bem devagar...

Vejo o painel de bordo. Não vejo o painel de bordo. Minhas mãos amolecem no manche. Não tenho nem força para falar. Abandono-me. Abandonar-se...

Apertei o tubo de borracha. Recebi no nariz uma galfada que tráz a vida. Então não é uma pane de oxigênio. É... Sim, claro, como eu estúpido! É o pedal. Exerci contra meus pedais esforços de estivador, de caminhoneiro. A dez mil metros de altitude, parecia um lutador de circo. Porém, meu oxigênio é limitado. Tinha de consumir com moderação. Pago pela orgia...

Respiro com sofreguidão. Meu coração bate rápido, muito rápido. É como um guizo fraco. Nada direi à minha tripulação. Se eu tentar uma espiral, eles saberão logo! Vejo o painel de bordo... Não vejo o painel de bordo... Sinto-me triste no meu suor.

A vida me voltou lentamente.

— Dutertre!

— Capitão?

Gostaria de lhe contar o que aconteceu.

— Eu achei que...

Mas renuncio a me exprimir. As palavras consomem oxigênio demais, e meus três vocábulos já me tiraram o fôlego. Sou um fraco, fraco convalescente...

— Que foi, Capitão?

— Não... Nada.

— Capitão, o senhor está realmente enigmático!

Estou enigmático. Mas estou vivo.

— Não... não nos atingiram...

— Ah! Capitão, é provisório! É provisório: tem Arras.

Assim, durante alguns minutos, eu acreditei poder voltar e, no entanto, não observei em mim essa angústia brilhante que, dizem, em branquece os cabelos. E me lembro de Sagon. Do depoimento de Sagon, a quem visitamos alguns dias depois do combate que o a bateu, há dois meses, em zona francesa: o que sentira, Sagon, quando os caças o enquadraram, pregaram, de algum modo, em seu poste de execução, considerou-se morto naqueles dez segundos?

Há um imenso mingau onde nenhuma ordem, nenhum movimento, nenhuma novidade, nenhuma onda do que quer que seja já mais se propagará por mais de três quilômetros. E, assim como as vilas desembocam umas após as outras no esgoto comum, esses caminhões militares absorvidos pela paz convertem-se um a um à paz. Esses punhados de homens que teriam perfeitamente aceitado a morte, mas não se coloca a eles o problema de morrer, aceitam os deveres que encontram e consertam essa padiola feita de carrinho de mão, onde três religiosas empilharam sabe Deus por qual peregrinação, para Deus sabe qual refúgio de conto de fadas, doze crianças ameadas de morte.

Assim como Alias, quando recolocava no coldre o seu revólver, não julgaria os soldados que renunciavam. Qual sopro os animaria? De onde vem a onda que os atingiria? Onde está o rosto que os uniria? Eles não sabem nada do resto do mundo, senão por esses boatos sempre dementes que, germinados na estrada a três ou quatro quilômetros, sob a forma de hipóteses bizarras, tomaram, propagando-se lentamente através desses três quilômetros de lama, um caráter de afirmação: “Os Estados Unidos entraram na guerra. O papa se suicidou. Os aviões russos incendiaram Berlim. O Armistício foi assinado há oito dias. Hitler desembarcou na Inglaterra”.

Não há pastor para as mulheres ou as crianças, tampouco para os homens. O general aborda seu ordenança. O ministro aborda seu oficial. E talvez ele possa, com sua eloquência, transfigurá-lo. Alias aborda seus tripulantes. E ele pode obter deles o sacrifício de suas vidas. O sargento do caminhão militar aborda os doze homens que dependem dele. Mas é impossível unir-se a qualquer outra coisa. Supondo-se que um chefe geral, caído pelo milagre de uma unidade sobre o conjunto, conceba um plano suscetível de salvar-nos, esse chefe não disporá, para manifestar-se, senão de um fio de campainha de vinte metros. E, como massa de manobra para vencer, disporá do oficial, se ainda subsistir um oficial na outra ponta do fio.

Quando vão ao acaso das estradas, esses soldados esparsos que fazem parte de unidades deslocadas, esses homens que são apenas desempregados de guerra, eles não mostram aquele desespero que se empresta ao vencido patriota. Eles desejam confusamente a paz, é certo. Mas a paz, a seus olhos, não representa nada além do termo dessa inominável bagunça e o retorno a uma identidade, a mais humilde que seja. Um velho sapateiro sonha que martelava pregos. E martelando pregos, forjava o mundo.

E se eles seguem em frente, é pelo efeito da incoerência geral que os separa uns dos outros, e não pelo horror da morte. Eles não têm horror de nada: estão vazios.

Há uma lei fundamental: não se transformam, de pronto, vencidos em vencedores. Quando se fala de um exército que primeiro recua, depois resiste, trata-se ape nas de um atalho de linguagem, pois as tropas que recuam e as que agora travam batalha não são as mesmas. O exército que recuava não era mais um exército. Não que aqueles homens fossem indignos de vencer, mas porque um recuo destrói todos os laços e materiais espirituais que uniam os homens entre si. Essa massa de soldados que se deixa filtrar para trás é substituída por novas reservas que tenham caráter de organismo. São eles que bloqueiam o inimigo. Quanto aos desertores, são recolhidos para serem novamente moldados em forma de exército. Se não houver reservas a pôr em ação, o primeiro recuo será irreparável.

Somente a vitória une. A derrota não apenas separa o homem dos homens, mas também o separa de si mesmo. Se os desertores não choram pela França que desmorona, é porque foram vencidos. É porque a França está derrotada, não à volta deles, mas neles mesmos. Chorar pela França já faria ser vencedores.

A quase todos, aos que resistem ainda como aos que não resistem mais, a face da França vencida só se mostrará mais tarde, nas horas de silêncio. Cada um desgasta-se hoje contra um detalhe vulgar que se revolta ou arruína, contra um caminhão quebrado, contra uma estrada engarrafada, contra um manete de gás que emperra, contra o absurdo de uma missão. O sinal de desmoronamento é que a missão se mostre absurda. É que se mostre absurdo o próprio ato que se opõe a esse desmoronamento. Pois tudo se divide de si mesmo. Não choramos pelo desastre universal, mas pelo objeto por que somos responsáveis — único tangível — e que se deteriora. A França que desmorona não passa de um dilúvio de pedaços dentre os quais nenhum mostra a face, nem essa missão, nem esse caminhão, nem essa estrada, nem essa porcaria de manete de gás.

Decerto, uma derrocada é um triste espetáculo. Os saqueadores se revelam saqueadores. Os homens baixos se mostram baixos. As instituições se despedaçam. As tropas, mortificadas de desgosto e de cansaço, decompõem-se no absurdo. Uma derrota implica todos esses efeitos, como a peste implica o bulbo. Mas aquela que você amava, se um caminhão esmagá-la, você criticará

sua fealdade?

Essa aparência de culpados é a injustiça da derrota que empresta às vítimas. Como a derrota mostraria os sacrifícios, as austeridades no dever, os rigores para consigo, as vigilâncias que o deus que decide a sorte dos combates não levou em consideração? Como mostraria o amor? A derrota mostra o chefe sem poder, os homens no vácuo, as multidões passivas. Houve verdadeira carência, mas, essa própria carência, o que significa? Bastava que corresse a notícia de uma reviravolta russa ou de uma intervenção americana para transfigurar os homens. Para uni-los numa esperança comum. Tal boato sempre purificava tudo, como um pé de vento no mar. Não se deve julgar a França pelos efeitos do esmagamento.

É preciso julgar a França pelo seu consentimento ao sacrifício. A França aceitou a guerra contra a verdade dos lógicos. Eles nos diziam: “Há oitenta milhões de alemães... Nós não conseguimos fazer, num ano, os quarenta milhões de franceses que nos faltam. Não podemos mudar nossa terra de trigo em terra de carvão. Não podemos esperar assistência dos Estados Unidos. Por que os alemães, reclamando Dantzig, nos impõem o dever, não de salvar Dantzig, o que é impossível, mas de nos suicidarmos para evitar a vergonha? Que vergonha há em possuir uma terra que dá mais trigo do que máquinas, e em ser um contra dois? Por que a vergonha pesaria sobre nós, e não sobre o mundo?”. Eles tinham razão. Guerra, para nós, significava desastre. Mas seria preciso que a França, para safar-se de uma derrota, recusasse a guerra? Não creio. A França, por instinto, assim pensava, pois tais avisos não a demoveram dessa guerra. O Espírito, em nosso país, dominou a inteligência.

A vida sempre derruba as fórmulas. A derrota pode se revelar o único caminho para a ressurreição, apesar de suas fealdades. É bem verdade que para criar a árvore se condena um grão a apodrecer. Se o primeiro ato de resistência sobrevier tarde demais, sempre será perdedor. Mas é o despertar da resistência. Uma árvore talvez saia deles como de uma semente.

A França desempenhou seu papel. Este consistia em propor-se ao esmagamento, já que o mundo arbitrava sem colaborar nem combater; e a ver-se sepultar por um tempo no silêncio. Quando se toma de assalto, há necessariamente homens à frente. Estes quase sempre morrem. Mas é preciso, para que aconteça o assalto, que os primeiros morram.

O papel é o daquele que prevaleceu, visto que aceitamos, sem ilusão, o por um soldado a três soldados, e nossos agricultores a operários. Recuso-me ser julgado pelas fealdades da derrocada. Quem aceita ser queimado em voo será julgado por suas excelsas? Ele também se tornará feio.

Nada impede que essa guerra, afora o sentido espiritual que a tornava necessária para nós, nos tenha aparecido, na prática, como uma guerra de mentira. A palavra nunca me envergonhou. Mal declaramos guerra, começávamos a esperar, por estarmos sem condições de a tacar, e já quisera m nos aniquilar.

Feito.

Dispúnham os de germes de trigo para vencer tanques. Os germes de trigo de nada adiantaram. E hoje, o aniquilamento está consumado. Não há mais nem exército, nem reservas, nem ligações, nem material.

No entanto, prossigo meu voo com uma seriedade imperturbável. Mergulho em direção ao exército alemão a oitocentos quilômetros por hora e a três mil e quinhentas rotações por minuto. Para quê? Olha! Para assustá-lo! Para que ele evacue o território! Já que as informações desejadas de nós são inúteis, essa missão não pode ter outro objetivo.

Guerra de mentira.

Estou exagerando, aliás. Perdi muita altitude. Os comandos e os manetes descongelaram. Eu retomei, nos pedais, minha velocidade normal. Avanço sobre o exército alemão a quinhentos e trinta quilômetros por hora somente, e a duas mil e duzentas rotações por minuto. É uma pena. Eu lhe darei muito menos medo.

Vão nos recriminar por chamar esta guerra um a guerra de mentira!

Somos nós que chamamos esta guerra de “guerra de mentira”! Pior ainda é achá-la “engraçada”. Temos o direito de brincar como queremos, porque todos os sacrifícios são por nossa conta. Eu tenho o direito de brincar com a minha morte, se a brincadeira me agrada. Duterte também. Tenho o direito de saborear os paradoxos. Pois, por que as vilas ainda estão queimando? Por que essa população está jogada em massa na calçada? Por que nós avançamos com uma convicção inabalável para um abatedouro automático?

Tenho todos os direitos, pois, neste segundo, bem sei o que estou fazendo. Aceito a morte. Não é o risco que aceito. Não é o combate que aceito. É a morte. Aprendi uma grande verdade. A guerra não é a aceitação do risco. Não é a aceitação do combate. É, em alguns momentos, para o combatente, a aceitação pura e simples da morte.

Esses dias, quando a opinião estrangeira julgava insuficientes nossos sacrifícios, eu me perguntei, olhando partir e aniquilarem-se as tripulações: “Ao que nos consagramos, quem nos paga m esmo?”.

Pois nós morremos. Pois cento e cinquenta mil franceses foram mortos em quinze dias. Esses mortos não ilustram, talvez, uma resistência extraordinária. Eu não celebro uma resistência extraordinária. Ela é impossível. Mas há contingentes de infantaria que se deixam massacrar numa fazenda indefensável. Há grupos de aviação que derretem feito cera atirada ao fogo.

Assim, nós, do Grupo 2/33, por que mesmo ainda aceitamos morrer? Pela estima do mundo? Mas a estima implica a existência de um juiz. Quem, dentre nós, atribui a quem quer que seja o direito de julgar? Lutamos em nome de uma causa que estimamos ser causa comum. A liberdade não somente da França, mas do mundo, está em jogo: consideramos confortável demais a função de árbitro. Somos nós que julgamos os árbitros. Os do meu Grupo 2/33 julgam os árbitros. Que não nos venham dizer, a nós que partimos sem uma palavra com uma chance em três de voltar (quando a missão é fácil) — nem aos de outros grupos — nem àquele amigo cujo rosto foi desfigurado pela explosão de um obus e renunciou para sempre encantar uma mulher, privado de um direito fundamental tanto quanto se está privado atrás das grades de uma prisão, bem protegido em sua feiura, bem instalado em sua virtude, atrás da muralha de sua feiura, que não nos venham dizer que os espectadores nos julgam! Os toureiros vivem para os espectadores, nós não somos toureiros. Se a firm assem a Hoc hedé: “Você tem de partir porque as testemunhas o consideram”, Hoc hedé

responderia: “Errado. Sou eu, Hoc hedé, que considero as testemunhas.”  
Pois, afinal, por que ainda combatemos? Pela Democracia! Se morremos pela Democracia, somos solidários às Democracias. Que elas combatam então conosco! Porém a mais poderosa, a que poderia, so zinha, salvar-nos, recusou-se ontem, e ainda se recusa. Bom. É seu direito. Mas ela então nos dá a entender que com batem os unicamente por nos sos interesses. Ora, sabem os muito bem que tudo está perdido. Então por que ainda morremos?

Por desespero? Mas não há desespero! Vocês não saberão nada de uma derrota se nela esperarem descobrir desespero.

Há uma verdade maior que os enunciados da inteligência. Alguma coisa passa através de nós e nos governa, que sinto sem apreender por enquanto. Uma árvore não tem linguagem. Nós pertencemos a uma árvore. Há verdades que são evidentes, ainda que informúláveis. Não morrerei para opor-me à invasão, pois não há abrigo onde me esconder com os que amo. Não morrerei para salvar uma honra que nego estar em jogo: recuso os juízes. Tampouco morrerei por desespero. Não obstante, Dutertre, que consulta o mapa, tendo calculado que Arras fica ali, em algum lugar a cento e setenta e cinco graus, me dirá, eu pressinto, em menos de trinta segundos:

— Vire a cento e setenta e cinco, Capitão...

E eu aceitarei.



tempo! Eu sinto o tranco, e me seguida o relaxamento. Tranco, relaxamento. Falta uma etapa: o medo. E não vivo a expectativa de morrer no segundo seguinte, vivo a ressurreição, ao findar do segundo anterior. Vivo numa espécie de rastro de alegria. Vivo na trilha de meu júbilo. E começo a sentir um prazer prodigiosamente inesperado... É como se minha vida me fosse, a cada segundo, ofertada. Como se minha vida me tornasse, a cada segundo, mais sensível. Eu vivo. Estou vivo. Estou ainda vivo. Continuo vivo. Não sou mais do que uma fonte de vida. A embriaguez da vida me toma. Diz-se “a embriaguez do com bate...”. É a embriaguez da vida! É! Quem atira contra nós lá de baixo sabe que nos forja?

Reservatórios de óleo, reservatórios de gasolina, está tudo furado. Dutertre disse: “Acabou! Suba!”. Mais uma vez, meço com os olhos a distância que me separa das nuvens e cabro. Mais uma vez, jogo o avião para a esquerda, depois para a direita. Uma vez ainda, dou uma olhada na terra. Não esquecerei essa paisagem. A planície inteira crepita em curtas mechas luminosas. Sem dúvida, canhões de tiro rápido. A ascensão dos glóbulos prossegue no imenso aquário azulado. A chama de Arras brilha em vermelho-escuro, como um ferro sobre a bigorna, essa chama de Arras bem instalada nas reservas subterrâneas, por onde o suor dos homens, a invenção dos homens, a arte dos homens, as lembranças e o patrimônio dos homens, amarrando sua ascensão nessa cabeleira, transformam-se em queimada que o vento leva.

Já esbarro nos primeiros pacotes de bruma. Ainda há, à nossa volta, flechas de ouro ascendentes que perfuram por baixo o ventre da nuvem. A última

imagem me é ofertada quando a nuvem já me encerra por um último buraco. Durante um segundo, a chama de Arras surge, iluminada pela noite como um lampião a óleo de bojo profundo. Ela serve um culto, mas custa caro. Amanhã ela terá consumido e consumado tudo. Trago meu testemunho das chamas de Arras.

— Tudo bem, Dutertre?

— Tudo, Capitão. Duzentos e quarenta. Em vinte minutos, desceremos sob a nuvem. Vamos nos referenciar em algum lugar sobre o Sena...

— Tudo bem, Artilheiro?

— Há... Sim... Capitão... Tudo bem.

— Não sentiu muito calor?

— Há... Não... Sim.

Ele não sabe nada. Está contente. Penso no artilheiro de Gavaille. Uma noite, sobre o Reno, oitenta projéteis de guerra atingiram Gavaille com seus feixes.

Ergueram à sua volta uma gigantesca basílica. E eis que o tiro se mistura ali. Gavaille ouve então seu artilheiro falar consigo mesmo, baixinho. (Os laringofones são indiscretos.) O artilheiro se faz suas próprias confidências: “Pois então, meu velho. Pois então, meu velho... Sempre se pode fugir e acabar achando a mesma coisa com o civis!”. Estava contente o artilheiro.

Respiro com lentidão. Encho bem o peito. É maravilhoso respirar. Há um monte de coisas que vou compreender... Mas primeiro penso em Alias. Não. É primeiro naquele fazendeiro que eu penso. Eu o interrogarei sobre o número de

instrumentos... Eh! O que o senhor acha! Eu sei muito bem aonde quero chegar. Cento e três. A propósito, é bom ficar de olho na pressão do óleo quando os reservatórios de gasolina estão furados, bom cuidar desses instrumentos! Eu cuido disso. Os revestimentos de borracha aguentam o tranco. Isso é um aperfeiçoamento maravilhoso! Eu verifico também os giroscópios: essa nuvem é pouco habitável. Uma nuvem de tempestade. Ela nos sacode muito.

— O senhor não acha que poderíamos descer?

— Dez minutos. Melhor esperarmos mais dez minutos.

Esperarei ainda dez minutos. Ah! Sim, eu estava pensando em Alias. Será que ele imagina nos rever? Outro dia estávamos atrasados uma meia hora. Meia hora, em geral, é grave... Corri para encontrar o grupo, que estava jantando.

Empurro a porta, caio numa cadeira ao lado de Alias. Bem naquele instante, o comandante levantava seu garfo enrolado com macarrão. Apressava-se em devorá-lo. Mas sobressalta, interrompe-se na hora, e me fita, com a boca aberta. O macarrão pende imóvel.

— Ah! Bem... Fico contente de vê-lo!

E devora o macarrão.

Para mim, o comandante tem um defeito grave. Obstina-se em interrogar o piloto sobre os aprendizados da missão. Ele me interrogará. Ele me olhará com uma paciência apavorante, esperando que eu lhe dite verdades primárias. Estará armado de uma folha de papel e de uma caneta esferográfica a fim de não perder uma só gota desse elixir. Isso me lembrará minha juventude: “Como o senhor integra, candidato Saint-Exupéry, as equações de Bernoulli?”.

— Hã...

Bernoulli, Bernoulli... E ficamos assim, imóveis; sob aquele olhar, como um inseto transpassado por um grampo.

Cabe a Dutertre o aprendizado da missão. Ele observa na vertical, Dutertre. Ele vê um monte de coisas. Caminhões, lanchas, tanques, soldados, canhões, cavalos, estações, trens nas estações, chefes de estação. Eu observo muito em oblíquo. Eu vejo nuvens, o mar, rios, montanhas, o sol. Observo muito genericamente. Faço uma ideia do conjunto.

— O senhor sabe, Comandante, que o piloto...

— Ora, vejamos, a gente sempre vê alguma coisa.

— Eu... Ah! Incêndios! Vi incêndios. É interessante.

— Não é. Queima tudo. O que mais?

Por que Alias é tão cruel?

— E dessa vez, ele vai me interrogar?

O que relato da minha missão não se pode escrever num relatório. Vou cabular, como um colegial na escola. Eu parecerei muito infeliz, no entanto, não estarei infeliz. Acabou-se o infortúnio. Voou quando as primeiras balas luziram. Se eu tivesse dado meia-volta um segundo antes, ignoraria tudo a meu respeito.

Eu ignoraria a bela ternura que me vem ao coração. Eu volto para os meus. Entro. Dou a impressão de uma dona de casa que, terminando as compras, pega o caminho de casa e medita sobre os pratos com que regozijará os seus. Ela balança da direita à esquerda o cesto de mantimentos. De tempos em tempos, levanta o jornal que o cobre: está tudo ali. Não esqueceu nada. Ela sorri pela surpresa que prepara e passa um pouco. Dá uma olhada nas vitrines.

Eu daria com prazer uma olhada nas vitrines se Dutertre não me obrigasse a habitar essa prisão esbranquiçada. Assistiria ao desfile dos campos. E verdade que é melhor esperar mais um pouco: essa paisagem está envenenada. Tudo nela conspira. Até os castelinhos provincianos, com seus gramados um pouco ridículos e suas dúzias de árvores podadas que parecem bijuterias inofensivas de moças cândidas, não passam de armadilhas de guerra. Voando baixo, em vez de sinais de amizade, recolhemos explosões de torpedos.

Apesar do ventre da nuvem, estou mesmo voltando da feira. Tinha razão a voz do comandante: “Vão à esquina da primeira rua à direita e me comprem fósforos...”. Minha consciência está em paz. Trago os fósforos no bolso. Ou mais exatamente, estão no bolso do meu camarada Dutertre. Como ele faz para se lembrar de tudo o que viu? Problema dele. E penso nas coisas sérias. Depois da aterrissagem, se formos poupados da bagunça de uma nova mudança, eu vou desafiar Lacordaire, e vou ganhar dele no xadrez! Ele detesta perder. Eu também. Mas eu vou ganhar. Lacordaire, ontem, estava ébrio. Ao menos... um pouco: eu não queria desonrá-lo. Ele se embriagara para consolar-se. Tendo esquecido no retorno de um voo de acionar seu trem de pouso, pousara o avião de bar rígia. Alias, por a zar ali presente, havia analisado o avião com melancolia, mas não abria a boca. Lacordaire, piloto experiente, eu o revejo. Ele ficou esperando as recriminações de Alias. Tinha esperança nas recriminações de Alias. Recriminações violentas lhe teriam feito bem. A explosão lhe permitiria explodir também. Ele partiria, retrucando, aliviado de sua raiva. Mas Alias

sacudia a cabeça. Alias meditava sobre o avião; pouco se importava com Lacordaire. Esse acidente não era, para o comandante, senão uma desgraça anônima, uma espécie de imposto estatístico. Tratava-se apenas de uma dessas distrações estúpidas que surpreendem os pilotos mais experientes. Fora injustamente infligida a Lacordaire. Lacordaire estava puro, afora esse erro de hoje, de qualquer imperfeição profissional. É por isso que Alias, interessando-se apenas pela vítima, solicitou o mais maquinalmente possível a opinião do próprio Lacordaire sobre os estragos. E eu senti subir num impulso uma raiva contida em Lacordaire. Você põe a mão gentilmente no ombro do torturador e lhe diz: “Como deve estar sofrendo essa pobre vítima, né?”. Aquela mão terna, que solicita sua simpatia, exaspera o torturador. Ele olha para a vítima com um olhar enviesado. Lamenta não ter acabado com ela.

É assim. Voltei para casa. O Grupo 2/33 é a minha casa. E compreendo os de casa. Não me engano sobre Lacordaire. Lacordaire não pode se enganar sobre mim. Sinto essa comunidade com um sentimento de extraordinária evidência: “Nós, do Grupo 2/33”. Eh! Eis então que os materiais amontoados já se soldam...

Penso em Gavaille e em Hochedé. Sinto essa comunidade que me liga a Gavaille e a Hochedé. Pergunto-me sobre Gavaille: qual é a sua origem? Ele mostra uma bela substância terrena. Um a lembrar a boa me volta, perfume de repente o coração. Gavaille, quando estávamos acantonados em Orconte, morava, como eu, numa fazenda. Um dia, ele me disse:

— A fazendeira matou um porco. Ela nos convida a comer morcela.

Éramos três: Israel, Gavaille e eu, a mastigar a bela casca preta e crocante. A camponesa nos serviu um vinhozinho branco. Gavaille me disse: “Eu compreí um agrado para ela. Você precisa fazer uma dedicatória”. Era um dos meus livros. Eu não tive nenhum constrangimento. Dediquei com prazer, para agradar. Israel estava enchendo seu cachimbo, Gavaille coçava a coxa, a camponesa parecia bem contente em herdar um livro com dedicatória do autor. A morcela embalsamava. Eu estava um pouco ébrio com o vinho branco, não me sentia deslocado, ainda que dedicasse um livro, o que sempre me pareceu um pouco ridículo. Não me sentia rejeitado. Eu não fazia papel, apesar desse livro, nem de autor nem de espectador. Não vinha de fora. Israel, gentilmente, me olhava escrever. Gavaille, com simplicidade, continuava a coçar a coxa. E eu sentia por eles uma espécie de reconhecimento silencioso. Aquele livro poderia ter me dado a aparência de um testemunho abstrato. No entanto, eu não fazia papel, apesar do livro, nem de intelectual nem de testemunha. Eu era um deles.

Sempre tive horror do ofício de testemunha. O que sou se não participo? Preciso participar para ser. Nutro-me da qualidade dos camaradas, essa qualidade que ignora a si mesma, porque pouco se importa consigo, e não por humildade. Gavaille não se vangloria, nem Israel. Eles são redes de ligações com seu trabalho, seu ofício, seu dever. Com essa morcela fumegando. E me embriago da densidade da presença deles. Posso me calar. Posso beber meu vinhozinho branco. Posso até dedicar esse livro sem me apartar deles. Nada estragará essa fraternidade.

Não se trata aqui, para mim, de denegrir os avanços da inteligência, nem as vitórias da consciência. Admiro as inteligências límpidas. Mas o que é um homem se lhe falta a substância? Ele é apenas um olhar e não um ser? Encontro a substância em Gavaille ou em Israel. Como a encontrava em Guillaumet.

As vantagens que posso tirar de uma atividade de escritor, essa liberdade, por exemplo, de que poderia talvez dispor, e que me permitiria, se minha missão no Grupo 2/33 me desagradasse, me desmobilizar para outras funções, rejeito-as com repulsa. Não passa da liberdade de não ser. Cada obrigação nos faz devir.

Quase morremos na França por causa da inteligência sem substância. Gavaille é. Ele ama, detesta, fica contente, resmungando. Ele é talhado por relações. E, assim como saboreio, diante dele, essa morcela crocante, saboreio as obrigações do ofício que nos funda juntos num tronco comum. Gosto do Grupo 2/33. Não à maneira de um espectador que descobre um belo espetáculo. Gosto do Grupo 2/33 porque sou dele, ele me alimenta e contribuo para alimentá-lo.

E agora que volto de Arras, sou do meu Grupo mais do que nunca. Adquiri um laço a mais. Reforcei em mim esse sentimento de comunidade que se saboreia em silêncio. Israel e Gavaille correm riscos maiores, talvez, do que os meus. Israel desapareceu. Mas, desse passeio de hoje, eu também não era para ter voltado. Isso me dá um pouco mais o direito de me sentar à mesa e me calar com eles. Esse direito se compra muito caro. Mas é muito caro: é o direito de “ser”. Por isso, eu fiz a dedicatória do livro sem constrangimento... Ele não estragava nada.

E eis que enrubesco à ideia de ter, gaguejando há pouco, quando o comandante me interrogou. Perdi a vergonha de estar. O comandante pensava que sou um pouco estúpido. Se essas histórias de livro não me incomodam é porque, mesmo que eu parisse uma biblioteca inteira, e essas referências não me livrariam da vergonha que me ameaça. Vergonha que não é um jogo que estou jogando. Eu não sou o cético que se dá ao luxo de se entregar a hábitos excêntricos. Eu não sou um cidadão brincando, nas férias, de camponês. Eu fui procurar, mais uma vez, a prova de minha boa-fé em Arras. Engajei minha carne na aventura. Toda a minha carne. E eu a engajei perdedora. Dei tudo o que pude a essas regras do jogo. Para que fossem mais do que simples regras do jogo. Adquiri o direito de me sentir constrangido, logo mais, quando o comandante me interrogar. Isto é, de participar. De estar ligado. De comungar. De receber e dar. De ser mais do que eu mesmo. De chegar a essa plenitude que me completa. De sentir esse amor que sinto por meus camaradas, esse amor que não é um impulso vindo de fora, que não busca exprimir-se nunca, e, exceto, todavia, na hora dos jantares de a Deus. A gente está então um pouco bêbado, e a benevolência do álcool nos faz debruçar sobre os convívios com o uma árvore cheia de frutos a dar. Meu amor pelo Grupo não precisa ser enunciado. Ele só se compõe de laços. É minha própria substância. Sou do Grupo. Eis tudo.

Quando penso no Grupo, não consigo não pensar em Hochedé. Eu poderia vangloriar sua coragem de guerra, mas me sentiria ridículo. Não se trata de coragem. Hochedé fez à guerra uma doação total. Melhor, provavelmente, que

todos nós. Hochedé está, permanentemente, num estado que eu dificilmente conquistaria. Eu reclamava quando me vestia. Hochedé não reclama. Hochedé já chegou aonde pretendem os chegar. Aonde eu queria chegar.

Hochedé é um ex-suboficial promovido recentemente a tenente. Sem dúvida, ele dispõe de uma cultura medíocre. Ele não saberia nada esclarecer sobre si mesmo. Mas está construído, bem-acabado. A palavra dever, quando se trata de Hochedé, perde toda a redundância. Gostaríamos muito de suportar o dever como Hochedé o suporta. Diante de Hochedé, recrimino-me por todas as minhas renúncias, minhas negligências, preguiças e, acima de tudo, se for o caso, meus ceticismos. Não é sinal de virtude, mas de inveja bem compreendida. Eu queria existir tanto quanto Hochedé existe. Uma árvore é bela, bem fincada sobre suas raízes. A constância de Hochedé é bela. Hochedé não conseguiria decepcionar.

Não contarei nada das missões de guerra de Hochedé. Voluntário? Somos todos voluntários, sempre, voluntários para todas as missões. Mas por obscura necessidade de crer em nós. Nós nos superamos um pouco, então. Hochedé é naturalmente voluntário... Ele “é” essa guerra. É tão natural que, se houver uma tripulação a sacrificar, o comandante logo pensa em Hochedé: “Diz uma coisa, Hochedé...”. Hochedé está imerso na guerra como um monge em sua religião. Por que ele luta? Luta por si. Hochedé se confunde com certa substância que se deve salvar e que é sua própria significação. Nesse estágio, a vida e a morte se misturam um pouco. Hochedé já está misturado. Sem saber, talvez, ele quase não teme a morte. Durar, fazer durar... Para Hochedé morrer e viver se conciliam.

— O que dele primeiro me deslumbrou foi sua angústia quando Gayville tentou pegar-me o cronômetro emprestado para medir as velocidades na base.

— Tenente! Não... Isso me incomoda.

— És estúpido! É para uma regulagem de dez minutos!

— Tenente... Tem um na loja da esquadrilha.

— Tem. Mas faz seis semanas que não quer sair das duas horas e sete!

— Tenente... Não se empresta um cronômetro... Não sou obrigado a emprestar meu cronômetro... O senhor não pode exigir isso!

A disciplina militar e o respeito pela hierarquia podem solicitar de um Hochedé, que acabara de ser atingido em chamas e por milagre estava incólume, que ele se instale noutro avião para outra missão que, dessa vez, será perigosa... Mas não que ele deixe em mãos desrespeitosas um cronômetro muito luxuoso, que lhe custou três meses de salário e que foi, toda noite, guardado com um cuidado maternal. Vendo os homens gesticularem, adivinha-se que eles não entendem nada de cronômetros.

E quando Hochedé, vencedor, com seu direito enfim respeitado e seu cronômetro contra o peito, deixou bufando de indignação o escritório da esquadrilha, eu teria abraçado Hochedé. Eu descobria os tesouros de amor de Hochedé. Ele lutará por seu cronômetro. Seu cronômetro existe. E ele morrerá por seu país. Seu país existe. Hochedé existe, ligado a ambos. Foi moldado em todos os seus laços com o mundo.

Por isso gosto de Hochedé sem precisar lhe dizer. Assim perdi Guillaumet,

morto em voo — o melhor amigo que tive — e evito falar nele. Nós pilotamos nas mesmas linhas, participamos das mesmas criações. Éramos da mesma substância. Sinto-me um pouco morto nele. Fiz de Guillaumet um dos companheiros de meu silêncio. Sou de Guillaumet.

Sou de Guillaumet, de Ga voille, de Hoche dé. Sou do Grupo 2/33. Sou do meu país. E todos os do Grupo são deste país...

Mudei bastante! Esses dias, comandante Alias, eu estava amargo. Esses dias, enquanto a invasão blindada não encontrava absolutamente nada, as missões sacrificadas custaram ao Grupo 2/33 dezessete de suas vinte e três tripulações. Nós aceitamos, e o senhor, primeiro que todos, bancar os mortos pelas necessidades da figuração. Ah! Comandante Alias, eu estava amargo, estava enganado!

Nós nos agarrávamos, o senhor em primeiro lugar, ao pé da letra de um dever cujo espírito se obscurecera. O senhor, primeiro, nos impelia por instinto, não a vencer, era impossível, mas a devir. O senhor sabia, como nós, que as informações adquiridas não seriam transmitidas a ninguém. Mas o senhor guardava ritos cujo poder estava escondido. O senhor nos interrogava gravemente, como se nossas respostas adiantassem de alguma coisa nos parques de blindados, nas lanchas, caminhões, estações, nos trens nas estações. O senhor até me parecia de uma revoltante má-fé:

— Sim, sim! Observamos muito bem do posto de piloto.

No entanto, o senhor tinha razão, comandante Alias.

Essa multidão que eu sobrevoou, levei-a em conta sobre Arras. Eu só sou ligado àqueles a quem doo. Só entendo a quem desposo. Só existo enquanto me saciam as fontes das minhas raízes. Sou dessa multidão. Essa multidão me pertence. A quinhentos e trinta quilômetros por hora e duzentos metros de altitude, agora que desembarquei sob minha nuvem, eu a desposo à noite com o um pastor que, numa olhada, recenseia, ajunta e enlaça o rebanho. Essa multidão não é mais uma multidão: é um povo. Como eu poderia perder a esperança?

Apesar do apodrecimento da derrota, trago em mim, como ao fim de um sacramento, esse grave e durável júbilo. Estou imerso na incoerência, todavia, estou como um vencedor. Qual é o camarada de volta de uma missão que não traz esse vencedor em si? O capitão Pénicot me contou seu voo desta manhã: “Quando me parecia que uma das armas automáticas estava atirando muito de perto, eu bifurcava bem em cima dela, a toda a velocidade, rente ao chão, e largava uma rajada de metralhadora que apagava na hora aquela luz avermelhada, como um sopro à chama de uma vela. Um décimo de segundo depois eu passava feito turbilhão sobre a equipe... Era como se a arma tivesse explodido! Eu encontrava a equipe de servidores espalhada, revirada pela fuga.

Tinha a impressão de estar jogando boliche”. Pénicot ria, Pénicot ria magnificamente. Pénicot, capitão vence dor!

Sei que a missão terá transfigurado até esse Gavaille artilheiro que, preso à noite na basílica erguida por oitenta projéteis de guerra, passou, como num casamento de soldados, sob a a bóbada das espadas.

— Pode pegar no noventa e quatro.

Dutertre acaba de se localizar sobre o Sena. Eu baixei para cem metros. A quinhentos e trinta quilômetros por hora, o solo carrega em nossa direção grandes retângulos de alfafa ou de trigo e de florestas triangulares. Sinto um prazer físico estranho ao observar esse desmoronamento de vidros, que divide incansavelmente minha proa. O Sena surge para mim. Quando o atravesso, em oblíquo, ele escapa com o que rodopiando sobre si mesmo. O movimento me dá o mesmo prazer do toque suave de uma foice. Estou bem instalado. Sou patrão a bordo. Os reservatórios aguentam. Vou ganhar um trago de Pénicot, no pôquer de ás, depois vou bater Lacordaire no xadrez. É assim que eu sou, quando sou vencedor.

— Capitão... Estão atirando... Estamos em zona proibida...

É ele quem calcula a navegação. Eu estou isento de qualquer re criminalização.

— Estão atirando muito?

— Atiram como podem... Damos meia-volta?

— Ah, não...

O tom é blasé. Nós conhecemos o dilúvio. O tiro antiaéreo para nós não

passa de uma chuva de primavera. Dutertre... sabe... não dá para deixar-se abater em casa!

— Não abaterem os nada... isso vai exercitá-los.

Dutertre está amargo.

Eu não estou amargo. Estou feliz. Gostaria de falar aos homens da minha região.

— Hã... Sim, atiram com o...

Olha, está vivo esse aí! Observo que meu artilheiro nunca manifestou espontaneamente sua existência. Ele dirigiu toda a aventura sem sentir necessidade de se comunicar. A menos que tenha sido ele a pronunciar “Ai ai ai” ao tiro mais forte do canhão. De todo modo, não foi uma abundância de confidências.

Mas se trata aqui de sua especialidade: a metralhadora. Quando se trata da especialidade, não dá mais para deter os especialistas.

Não consigo deixar de opor esses dois universos. O universo do avião e o do solo. Acabo de levar Dutertre e meu artilheiro para além dos limites permitidos. Vimos a França queimar em chamas. Vimos luzir o mar. Envelhecemos em grande altitude. Nós nos debruçamos sobre uma terra longínqua, como sobre vitrines de um museu. Brincamos ao sol com o rastro dos caças inimigos. Depois, descemos novamente. Nós somos jogados no incêndio. Sacrificamos tudo. E

então, aprendemos mais sobre nós mesmos do que aprenderíamos em dez anos de meditação. Saímos enfim do retiro de dez anos...

E naquela estrada, que sobrevoávamos para atingir o céu de Arras, a caravana, quando a encontrarmos, talvez tenha progredido, no máximo quinhentos metros.

O tempo que eles levarem para empurrar um carro quebrado até o buraco, para trocar o pneu, que tamborilarem imóveis no volante, para deixar um atalho liquidar seus próprios destroços, terem os voltado à escala.

Nós pulamos por cima da derrota toda. Somos semelhantes àqueles peregrinos que, embora sofram, o deserto não os atormenta, porque já habitam de coração a cidade santa.

A noite que chega estacionará essa multidão amontoada em seu estábulo de infortúnio. O rebanho se amontoa. Por que ele gritaria? Mas podemos correr para os camaradas, e me parece que nos apressamos para uma festa. Assim, uma simples cabana iluminada ao longe torna a mais rude das noites de inverno uma noite de Natal. Lá, aonde vamos, seremos acolhidos. Lá, aonde vamos, comungaremos o pão do jantar.

Basta, por hoje, de aventura, estou feliz e cansado. Largarei com os mecânicos o avião enriquecido de buracos. Vou me despir de minhas pesadas vestes de voo, como é tarde demais para apostar um trago contra Pénicot, vou simplesmente me sentar para o jantar entre os camaradas...

Estamos atrasados. Os camaradas que estão atrasados não voltam mais.

Estão atrasados? Tarde demais. Azar deles! A noite os joga na eternidade. Na hora do jantar, o Grupo conta seus mortos.

Os desaparecidos embelezam-se na lembrança. Nós os vestimos para sempre com seu mais claro sorriso. Renunciaremos a essa vantagem. Surgiremos em fraude, à maneira de anjos maus e caçadores clandestinos. O comandante não morderá seu bocado de pão. Ele nos olhará. Talvez diga: “Ah! Aí estão vocês...”. Os camaradas se calam. Apenas nos observarão.

Eu tinha pouca estima, outrora, pelos adultos. Estava errado. Jamais envelhecemos. Comandante Alias! Os homens são puros também na hora do retorno: “Aí está você, que é dos nossos...”. E o pudor faz o silêncio.

Comandante Alias, comandante Alias... Essa comunidade entre vocês, eu a experimentei como um fogo para o cego. O cego se senta e estende as mãos, ele não sabe de onde lhe vem o prazer. De nossas missões, voltamos prontos a uma recepção de gosto desconhecido, que é simplesmente o amor.

Não reconhecemos nisso o amor. O amor no qual normalmente pensamos é de um patético mais tumultuoso. Mas se trata, aqui, do verdadeiro amor: uma rede de relações que nos faz devir.

cada um carrega todos os pecados de todos os homens.

Quem vê nisso uma doutrina de fraco? O chefe é responsável por tudo. Ele diz: Fui vencido. Ele não diz: “Meus soldados foram vencidos”. O verdadeiro homem fala assim. Hochedé diria: Eu sou responsável.

Compreendo o sentido da humildade. Ela não é um aviltamento de si. É o próprio princípio da ação. Se, com o intuito de absolver-me, justifico meus infortúnios pela fatalidade, submeto-me à fatalidade. Se os justifico pela traição, submeto-me à traição. Mas se assumo o erro, reivindico meu poder de homem. Posso agir sobre aquilo que sou. Sou parte constituinte da comunidade dos homens.

Há, então, alguém em mim que combato para crescer. Foi necessária essa viagem difícil para que distinguisse em mim, de um jeito ou de outro, o indivíduo que eu combato do homem que amadurece. Não sei o que vale a imagem que me vem, mas penso: o indivíduo é apenas uma via. Só importa o Homem que a emprega.

Já não posso me satisfazer com verdades de polêmica. De nada serve a cusar os indivíduos. Eles são apenas vias e passagens. Não posso mais justificar o engano de minhas mentes e das mentes de outros por negligências de funcionários, nem a ausência de povos amigos por seu egoísmo. A derrota, decerto, se exprime por falhas individuais. Mas uma civilização molda os homens. Se aquela a que julgo pertencer está ameaçada pela derrota dos indivíduos, tenho o direito de perguntar-me por que ela não os forjou diferentemente.

Uma civilização, assim como uma religião, acusa a si mesma se deplora a moleza dos fiéis. Cabe-lhe exaltá-los. O mesmo vale se deplora o ódio dos infiéis. Cabe-lhe convertê-los. Entretanto, a minha, que outrora passou suas provações, inflamou seus apóstolos, arrebatou os violentos, libertou povos escravos, não soube, hoje, nem exaltar nem converter. Se desejo arrancar a raiz das diversas causas de minha derrota, se tenho ambição de reviver, devo reencontrar primeiro o fermento que perdi.

Pois acontece numa civilização como para o trigo. O trigo nutre o homem, mas o homem, por sua vez, salva o trigo, cuja semente ele armazena. A reserva de grãos é respeitada, de geração de trigo para geração de trigo, como uma herança.

Não me basta saber qual trigo desejo para que ele germine. Se quero salvar

um tipo de homem — e seu poder — devo salvar também os princípios que o fundam.

Todavia, se conservei a imagem da civilização que reivindico como minha, perdi as regras que a transportavam. Descubro esta noite que as palavras que usava não tocavam mais o essencial. Eu pregava assim a Democracia, sem suspeitar que enunciava, com isso, sobre as qualidades e a sorte do homem, não mais o conjunto de regras, mas um conjunto de aspirações. Desejava que os homens fossem fraternos, livres e felizes. Claro. Quem não concorda? Sabia expor “como” deve ser o homem. E não “quem” ele deve ser.

Falava, sem precisar as palavras, da comunidade dos homens. Como se o clima ao qual fazia alusão não fosse fruto de uma arquitetura particular. Parecia-me evocar uma evidência natural. Não há evidência natural. Uma tropa fascista, um mercado de escravos não, também, com unidades de homens.

Eu não habitava mais essa comunidade dos homens como arquiteto. Beneficiava-me de sua paz, sua tolerância, seu bem-estar. Não sabia nada a seu respeito, senão que estava instalado nela. Estava nela como sacristão ou como um papa-hóstias. Ou seja, parasita. Ou seja, vencido.

Assim são os passageiros de um navio. Usam o navio sem nada lhe dar. Ao abrigo dos salões, que eles tomam por cenário absoluto, prosseguem com seus jogos. Ignoram o trabalho das meias-naus sob o peso eterno do mar. Que direito reclamarão se a tempestade dismantelar seu navio?

Se os indivíduos se abastardaram, se fui vencido, do que vou reclamar?

Há um denominador comum com as qualidades que desejo aos homens de minha civilização. Há uma pedra angular na comunidade particular que eles

devem fundar. Há um princípio de onde todos saíram: raízes, tronco, galhos e frutos. Quando ele, Ele era tão potente no âmbito dos homens. Só este me pode fazer vencedor.

Parece-me que compreendo muitas coisas na minha estranha noite de vila. O silêncio é de uma qualidade extraordinária. O mínimo ruído preenche o espaço inteiro, como um sino. Nada me é desconhecido. Nem esse lamento de gado, nem esse apelo longínquo, nem esse barulho de uma porta que se fecha. Tudo acontece com o mesmo em mim mesmo. Não é preciso apressar-me em captar o sentido de um sentimento que pode esmaecer...

Eu penso: “É o tiro de Arras...”. O tiro rachou uma casca. Neste dia inteiro, eu certamente preparei em mim a morada. Eu era apenas um gerente resmungão. O indivíduo é isso. Mas o Homem surgiu. Ele se instalou em meu lugar, simplesmente. Olhou a multidão amontoada, e viu um povo. Seu povo, O Homem, denominador comum entre mim e esse povo. É por isso que, correndo para o Grupo, parecia-me correr a um grande fogo. O Homem olhava através dos meus olhos o homem denominador comum dos camaradas.

Seria um sinal? Estou a ponto de crer nos sinais... Tudo é, esta noite, entendimento tácito. Qualquer barulho me atinge como uma mensagem límpida

e ao mesmo tempo obscura. Ouço um passo tranquilo preencher a noite:

— Ei, boa noite, Capitão...

— Boa noite!

Não o conheço. Foi entre nós com o um “oi” de bateleiros, de uma barca a outra.

Ainda uma vez tive o sentimento de um miraculoso parentesco. O Homem que me habita esta noite não cessa de enumerar os seus. O Homem denominador com um dos povos e das raças...

Ele voltava, aquele ali, com sua provisão de preocupações, de pensamentos e de imagens. Com sua carga própria, encerrada dentro de si. Poderia tê-lo abordado e falado com ele. Na pureza de uma senda de vila, teríamos trocado algumas de nossas lembranças. Assim, os comerciantes trocam tesouros, caso se cruzem, retornando das ilhas.

Em minha civilização, aquele que difere de mim, longe de me lesar, enriquece-me. Nossa unidade, acima de nós, funda-se no Homem. Assim, nossas conversas à noite, no Grupo 2/33, longe de prejudicar nossa fraternidade, a apoiam, pois ninguém deseja ouvir seu próprio eco, nem olhar-se num espelho.

No Homem se encontram, também, os Franceses da França e os Noruegueses da Noruega. O Homem os liga em sua unidade, ao mesmo tempo que exalta, sem contradizer-se, seus costumes particulares. A árvore também se exprime, por galhos que não se parecem com as raízes. Se, então, lá, escrevem-se contos sobre a neve, se tulipas são cultivadas na Holanda, se flamencos se improvisam na Espanha, estamos todos enriquecidos no Homem. É talvez por isso que desejamos, nós do Grupo, com bater pela Noruega...

E eis que me parece chegar ao termo de uma longa peregrinação. Não descubro nada, mas, como o despertar de um sono, revejo simplesmente o que eu não olhava mais.

Minha civilização repousa sobre o culto do Homem através dos indivíduos. Ela tentou, por séculos, mostrar o Homem, como se tivesse ensinado a distinguir uma catedral através das pedras. Ela pregou esse Homem que dominava o indivíduo...

Pois o Homem de minha civilização não se define a partir dos homens. São os homens que se definem por ele. Há nele, com o em todo Ser, alguma coisa que a matéria que o compõe não explica. Uma catedral é bem diferente de uma soma de pedras. É geometria e arquitetura. Não são as pedras que a definem, é ela que enriquece as pedras com seu próprio significado. Essas pedras são enobrecidas por serem pedras de uma catedral. As pedras mais diversas contribuem para sua unidade. A catedral absorve até as carrancas mais careteiras em seu cântico.

Mas, pouco a pouco, esqueci a minha verdade. Eu acreditei que o Homem resumia os homens, como a Pedra resume as pedras. Confundi a catedral e a soma de pedras e, pouco a pouco, a herança desvaneceu. É preciso restaurar o Homem. É ele a essência de minha cultura. É ele a chave de minha Comunidade. É ele o princípio da minha vitória.



É fácil fundar a ordem de uma sociedade sobre a submissão de cada um a regras fixas. É fácil moldar um homem cego que aceite, sem protestar, um mestre ou um Alcorão. Mas o sucesso que consiste em, para libertar o homem, fazê-lo reinar sobre si mesmo, é maior.

Mas o que é libertar? Se eu liberto, no deserto, um homem que não sente nada, o que significa a sua liberdade? Só há liberdade de “alguém” que vai a algum lugar. Libertar para esse homem seria ensinar-lhe a sede e traçar-lhe uma rota até um poço. Somente assim se proporião a ele passos aos quais não faltaria significado. Libertar uma pedra não significa nada se não houver peso. Pois a pedra, uma vez livre, não irá a lugar algum.

No entanto, minha civilização tentou fundar as relações humanas sobre o culto do Homem além do indivíduo, a fim de que o comportamento de cada um frente a si mesmo ou a outrem não fosse mais conformismo cego aos costumes do cupinzeiro, mas livre exercício do amor.

A tendência invisível do peso libera a pedra. As inclinações invisíveis do amor liberam o homem. Minha civilização tentou fazer de cada homem o Embaixador de um mesmo príncipe... Ela considerou o indivíduo como caminho ou mensagem de algo maior do que ele mesmo, ofereceu à liberdade de sua ascensão direções imantadas...

Conheço bem a sraem desse campo de forças. Durante séculos, minha civilização contemplou Deus através dos homens. O homem era criado à imagem de Deus. Respeitava-se Deus no homem. Os homens eram irmãos em Deus. Esse reflexo de Deus conferia uma dignidade inalienável ao homem. As relações do homem com Deus fundavam com evidência os deveres de cada um frente a si mesmo ou a outrem.

Minha civilização é herdeira dos valores cristãos. Eu refletirei sobre a construção da catedral, a fim de compreender melhor a sua arquitetura.

A contemplação de Deus fundava os homens iguais, porque iguais em Deus. E essa igualdade tinha um significado claro. Pois só se pode ser igual em alguma coisa. O soldado e o capitão são iguais na nação. A igualdade não passa de uma palavra vazia de sentido se não houver nada a que ligar essa igualdade.

Entendo claramente por que essa igualdade, que era a igualdade dos direitos de Deus através dos indivíduos, proibia limitar a ascensão de um indivíduo: Deus podia decidir tomá-lo por caminho. Mas como se tratava também da igualdade dos direitos de Deus “sobre” os indivíduos, entendo por que os indivíduos, fossem quem fossem, eram submetidos aos mesmos deveres e ao mesmo respeito às leis. Exprimindo Deus, eles eram iguais em seus direitos. Servindo Deus, eram iguais em seus deveres.

Entendo por que uma igualdade estabelecida em Deus não acarretava nem contradição nem desordem. A demagogia intromete-se quando, por falta de denominador comum, o princípio de igualdade se abastarda em princípio de identidade. Então o soldado recusa a saudação do capitão, pois o soldado, saudando o capitão, honraria um indivíduo, e não a Nação.

Minha civilização, herdando de Deus, fez os homens iguais no Homem.

Entendo a srcem do respeito dos homens, de uns para com os outros. O sábio devia respeito ao próprio taifeiro, pois, através do taifeiro, ele respeitava Deus, de quem o taifeiro tam bém era Em baixador. Quaisquer que fossem o valor de um e a mediocridade do outro, nenhum homem podia pretender reduzir outro à escravidão. Não se humilha um Embaixador. Mas esse respeito pelo homem não levava à prostração degradante diante da mediocridade do indivíduo, diante da estupidez ou da ignorância, já que primeiro honrava-se essa qualidade de Embaixador de Deus. Assim, o amor de Deus fundava, entre os homens, as relações nobres, tratando os negócios de Embaixador para Embaixador, acima da qualidade dos indivíduos.

Minha civilização, herdeira de Deus, fundou o respeito ao homem através dos indivíduos.

Entendo a srcem da fraternidade dos homens. Os homens eram irmãos em Deus. Só se pode ser irmão em alguma coisa. Se não há nó que os una, os homens ficam justapostos e não ligados. Não se pode ser irmão simplesmente. Meus camaradas e eu somos irmãos “no” Grupo 2/33. Os franceses “na” França.

Minha civilização, herdeira de Deus, fez os homens irmãos no Homem.

Entendo o significado dos deveres de caridade que me eram pregados. A caridade servia a Deus através do indivíduo. Era devida a Deus, qualquer que fosse a mediocridade do indivíduo. Essa caridade não humilhava o beneficiário, nem o atava pelas amarras da gratidão, pois não é a ele, mas a Deus, que a

há ato que não engaje outrem. Se me mutilar, sendo soldado, sou fuzilado. Não há indivíduo sozinho. Quem se esquivar, lesa uma comunidade. Quem é triste, entristece os outros.

De nosso direito a uma liberdade assim entendida, não soubemos mais nos servir sem contradições intransponíveis. Sem saber definir em que caso nosso direito era válido, e em que caso não era mais, fechamos hipocritamente os olhos, a fim de salvar um princípio obscuro sobre os inumeráveis entraves que toda sociedade, necessariamente, trazia a nossas liberdades.

Quanto à Caridade, nem mesmo os mais pregá-la. Com efeito, outrora o sacrifício que funda os Seres tomava o nome de Caridade quando honrava a Deus através de sua imagem humana. Através do indivíduo, doavam os a Deus ou ao Homem. Mas, tendo esquecido Deus ou o Homem, só doávamos ao indivíduo. Desde então, a Caridade tomava frequentemente a figura de ação inaceitável. É à Sociedade, e não ao temperamento individual, que cabe assegurar a equidade no compartilhamento das provisões. A dignidade do indivíduo exige que ele não seja reduzido à vassalagem pelas larguezas de outrem. Seria paradoxal ver os possuidores reivindicar, além da posse de seus bens, a gratidão daqueles que nada possuem.

Mas, acima de tudo, nossa caridade mal compreendida se voltava contra a sua finalidade. Exclusivamente fundada sobre os movimentos de piedade para com os indivíduos, ter-nos-ia proibido qualquer corretivo. Enquanto a Caridade verdadeira, sendo exercício de um culto ao Homem, para além do indivíduo, impunha combater o indivíduo para nele fazer crescer o Homem.

Assim, perdemos o Homem. E, perdendo o Homem, esvaziamos de calor essa fraternidade, logo a que nossa civilização nos pregava, pois que somos irmãos em alguma coisa e não simplesmente irmãos. O compartilhamento não garante a fraternidade. Esta se liga unicamente ao sacrifício. Liga-se ao dom comum ao que é mais vasto que nós mesmos. Mas, confundindo com um mingamento estéril essa raiz de toda existência verdadeira, nós reduzimos nossa fraternidade à mera tolerância mútua.

Cessamos de doar. Contudo, se pretendo não doar senão a mim mesmo, nada recebo, pois não construo nada do que me constitui e por isso não sou nada. Se vierem agora exigir que morra por interesses, eu me recusarei a morrer. O interesse manda primeiro viver. Qual é o impulso de amor que pagaria minha morte? Morre-se por uma casa. Não por objetos ou por paredes. Morre-se por uma catedral. Não por pedras. Morre-se por um povo. Não por uma multidão.

Morre-se pelo amor do Homem, se ele for o ponto de sustentação do conjunto de uma Comunidade. Morre-se unicamente por aquilo por que se pode viver.

Nosso vocabulário parecia quase intacto, mas nossas palavras, esvaziadas de substância real, nos levariam, se pretendêssemos usá-las, a contradições sem saída. Éramos obrigados a fechar os olhos a esses litígios. Nós éramos obrigados, por não sabermos construir, a deixar as pedras amontoadas no campo, e a falar da Coletividade, com prudência, sem ousar precisar muito bem sobre o que falávamos, pois, de fato, não falávamos de nada. Coletividade é palavra vazia de

significado, enquanto Coletividade não se ligar a alguma coisa. Uma soma não é um Ser.

Se a nossa Sociedade ainda parecia desejável, se nela o Homem ainda conservava algum prestígio, era na medida em que a civilização verdadeira, a qual traíamos por nossa ignorância, prolongava sobre nós seu brilho condenado e nos salvava, apesar de nós. Como nossos adversários comprenderiam o que não compreendíamos mais? Tudo o que viram de nós foram essas pedras amontoadas. Tentaram dar um sentido a uma Coletividade que nós não sabíamos mais definir, por não nos lembrarmos do Homem.

Alguns chegaram, de súbito, alegremente, às conclusões mais extremas da lógica. Dessa coleção, fizeram uma coleção absoluta. As pedras devem ser idênticas às pedras. E cada pedra reina soberana sobre si mesma. A anarquia se lembra do culto ao Homem, mas o aplica, com rigor, ao indivíduo. E as contradições que surgem desse rigor são piores do que as nossas.

Outros juntaram as pedras espalhadas em pilhas no campo. Pregaram os direitos da Massa. A fórmula tampouco satisfaz. Pois se é intolerável que um único homem tire uma Massa, é igualmente intolerável que uma Massa esmague um único homem.

Outros se apoderaram dessas pedras sem poder e, dessa soma, fizeram um Estado. Tal Estado tampouco transcende os homens. Também ele é expressão de uma soma. Ele é poder da Coletividade delegado às mãos de um indivíduo. Ele é reino de uma pedra, a qual pretende identificar-se às outras, no conjunto de pedras. Esse Estado prega claramente uma moral do Coletivo que recusamos ainda, mas para a qual caminhamos, nós mesmos, lentamente, por não nos

lembrarmos do Homem — o único que justificaria nossa recusa.  
Esses reis da nova religião opor-se-ão a que vários mineiros arrisquem sua vida para o salvamento de um único mineiro soterrado. Pois o monte de pedras, então, está lesado. Eles darão cabo do gravemente ferido, se ele atrapalhar o avanço de um exército. O bem da Comunidade, eles estudarão na aritmética — e a aritmética os governará. Nisso perderão de transcender a maioria dos que si mesmos. Odiarão, por conseguinte, o que difere deles, pois não disporão de nada, acima de si mesmos, em que fundir-se. Qualquer costume, qualquer raça, qualquer pensamento diferente se tornará para eles uma afronta. Eles não disporão do poder de absorver, pois para converter o Homem em si, convém não amputá-lo, mas exprimi-lo a si mesmo, oferecer um objetivo a suas aspirações e um território a suas energias. Converter, sempre é libertar. A catedral pode absorver as pedras, que nela tomam um sentido. Mas o monte de pedras não absorve nada e, sem condições de absorver, esmaga. Assim é, mas de quem é a culpa?

Não mais me surpreende que o monte de pedras, que é pesado, tenha se sobreposto às pedras desordenadas.

Entretanto, sou eu o mais forte.

Sou o mais forte se me reencontro. Se nosso Humanismo restaurar o Homem. Se soubermos fundar nossa Comunidade e se, para fundá-la, usarmos

de um só instrumento eficaz: o sacrifício. Nossa Comunidade, tal como nossa civilização a construiu, também não era a soma de nossos interesses — ela e ra a soma de nossos dons.

Eu sou o mais forte, porque a árvore é mais forte do que as m atérias do solo. Ela as drena para si. Ela os transforma em árvore. A catedral é mais brilhante do que os amontoados de pedras. Eu sou o mais forte porque só minha civilização tem poder de amalgamar em sua unidade, sem amputar, as diversidades particulares. Ela vivifica a fonte de sua força, ao mesmo tempo que nela se sacia.

Eu quis, na hora da partida, receber antes de doar. Minha pretensão era vã. Foi com o a triste aula de gramática. É preciso dar antes de receber... E construir antes de habitar.

Fundei meu amor pelos meus nesse longo dom do sangue, como a mãe funda o seu pelo dom do leite. Aí está o mistério. É preciso começar pelo sacrifício para fundar o amor. O amor, depois, pode solicitar outros sacrifícios e empregá-los em todas as vitórias. O homem deve sempre dar os primeiros passos. Deve nascer antes de existir.

Voltei da missão tendo fundado meu parentesco com a pequena fazendeira. Seu sorriso me foi transparente e, através dele, vi minha vila. Através da minha vila, meu país. Pois sou de uma civilização que escolheu o Homem como pilar. Sou do Grupo 2/33, que desejava combater pela Noruega.

Pode ser que Alias, amanhã, me designe para outra missão. Eu me vesti, hoje, para o serviço de um deus ao qual eu estava cego. O tiro de Arras trincou a casa e eu enxerguei. Todos os nossos enxergarão também! Se então eu deo a no am anhecer, saber-ei pelo que ainda estou combatendo.

Mas desejo me lembrar do que vi. Preciso de um Credo simples para me lembrar.

Eu combaterei pela primazia do Homem sobre o indivíduo — como do Universal sobre o particular.

Eu creio que o culto do Universal exalte e una as riquezas particulares e funde a única ordem verdadeira, que é a da vida. Uma árvore é uma ordem, apesar de suas raízes diferirem dos galhos.

Eu creio que o culto do particular acarrete somente a morte, pois funda a ordem na semelhança. E confunde a unidade do Ser com a identidade de suas partes. E devasta a catedral para alinhar as pedras. Eu combaterei então todo aquele que pretender impor um costume particular a os outros costumes, um povo particular aos outros povos, uma raça particular às outras raças, um pensamento particular aos outros pensamentos.

Eu creio que a primazia do Homem funde a única Igualdade e a única Liberdade que tenham significado. Eu creio na igualdade dos direitos do Homem através de cada indivíduo. E creio que a Liberdade é a da ascensão do Homem.

Igualdade não é Identidade. A Liberdade não é a exaltação do indivíduo contra o Homem. Eu combaterei todo aquele que pretenda subjugar a um indivíduo — com o a um a massa de indivíduos — a liberdade do Homem .

Eu creio que minha civilização denomine Caridade o sacrifício consentido ao Homem , a fim de estabelecer seu reino. A caridade é o dom do Homem , através da mediocridade do indivíduo. Ela funda o Homem. Eu combaterei todo aquele que, pretendendo que minha caridade honre a mediocridade, renegue o Homem e, assim, aprisione o indivíduo numa mediocridade definitiva. Eu combaterei pelo Homem. Contra seus inimigos. Mas também contra mim mesmo.

renunciar à carreira de piloto pela noiva, porém o compromisso será rompido. Gabrielle, sua irmã caçula, a quem chamam de “Didi”, casa-se com Pierre d’Agay. Ela será a única dos cinco irmãos a deixar descendentes (quatro: dois meninos e duas meninas. Entre eles, François d’Agay, afilhado do piloto).

1926 Mais um membro da

família se vai: Marie-Madeleine, sua irmã, morre de tuberculose. Por intermédio de um ex-professor e mentor, o abade Sudour, conhece o sócio de Pierre-Georges Latécoère e consegue uma entrevista. Vai trabalhar para a empresa de correio aéreo em Toulouse, onde conhece Henri Guillaumet e, algum tempo depois, Jean Memnoz, Marcel Reine e Paul Vachet, que serão seus grandes amigos.

1927 Passará dezoito meses em cabo Juby, no Marrocos, morando praticamente numa cabana, ao lado do forte espanhol ali situado. Sua missão era apaziguar os mouros rebeldes à colonização espanhola, pois eles tomavam os aviões que faziam pousos de emergência no deserto e sequestravam os pilotos franceses. Vai se mostrar um excelente diplomata, respeitado pelos mouros.

Ao mesmo tempo, o empresário Marcel Bouilloux-Lafont compra 95% das ações da Latécoère e implanta a linha de correio na América do Sul. Só no Brasil, Lafont fará onze escalas. A companhia passa a se chamar Aéropostale.

1928 São realizados os primeiros voos noturnos entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, por Jean

Mermoz. Na África, Saint-Exupéry salva quatro aviadores feitos prisioneiros dos mouros durante vários meses. De licença, volta à França e faz um curso superior de navegação aérea em Brest. Tira o diploma apesar de suas muitas distrações.

1929 Sai seu romance *Correio sul*, inspirado na experiência do deserto que tivera durante quase dois anos em cabo Juby.

Naquele ano, é nomeado diretor da Aeroposta Argentina. Sua função consiste em vigiar o bom estado dos aeródromos e escalas, recrutar pilotos e resolver problemas da rota entre Chile, Paraguai e Brasil, além de abrir a linha para a Patagônia. Nessa época passou algumas vezes pelo Brasil, especialmente pelo sul do país.

1930 É feito Cavaleiro da Legião

de Honra pelos serviços prestados em cabo Juby, no deserto do Saara, onde salvou a vida de vários pilotos sequestrados e apaziguou os mouros. Entre os dias 13 e 18 de junho, seu grande colega e amigo Henri Guillaumet sofre um acidente nos Andes e sai em marcha durante cinco dias. Saint-Exupéry participa das buscas ao piloto desaparecido e de seu resgate. Foi também na Argentina que encontrou

1940 Realiza várias missões de reconhecimento; uma sobre a cidade de Arras, que lhe inspira o livro *Piloto de guerra*. É desmobilizado em junho, com o armistício. Vai a Agay, à casa de sua família, onde continua a reunir *Ciudadela*. Deseja ir aos Estados Unidos para tentar convencer os americanos a entrarem na guerra e o faz passando por Lisboa, a partir de Alger. Essa passagem será objeto

do livro *Carta a um refém*,  
de 1943. Em 27 de  
novembro, seus grandes  
amigos Henri Guillaumet e  
Marcel Reine são abatidos,  
com outros quatro  
passageiros, ao  
transportarem um  
diplomata para o Oriente.  
Embarca para Nova York,  
onde encontra Jean Renoir.  
Pensava ficar pouco tempo  
em solo americano, mas  
acaba permanecendo 28  
meses.

1941 Sofre uma intervenção cirúrgica em Los Angeles. Durante a convalescença, redige *Piloto de guerra*.

1942 Consuelo chega a Nova York, e é publicado o livro *Piloto de guerra*, sob o título *Flighth to Arras*, ilustrado por Bernard Lamotte. O livro ficará seis meses como o mais vendido e influenciará a opinião pública. Dá conferências no Canadá e começa a desenhar para *O*

*pequeno príncipe*. Na França, *Piloto de guerra* será proibido pelos ocupantes. Faz um apelo na rádio, em 29 de novembro, pela união dos franceses.

1943 É publicado o pequeno livro *Carta a um refém*, que deveria ser prefácio a uma obra de Léon Werth, mas saiu de forma independente. Em 6 de abril, é lançado em Nova York *O pequeno príncipe* pela editora Reynal &

## Sugestões de leitura

- BACQUIÉ, Bernard. *Un Pilote austral: Antoine de Saint-Exupéry*. Paris: Latérales, 2013.
- CATE, Curtis. *Saint-Exupéry: Laboureur du ciel*. Paris: Bernard Grasset, 1973.
- DE LA BRUYÈRE, Stacy. *Saint-Exupéry: Une Vie à contre-courant*. Paris: Albin Michel, 1994.
- FAYET, Gérard. *Saint-Exupéry: Un Homme d'exception*. Paris: Vilo, 2014.
- GENÓ, Jean-Pierre. *La Mémoire du Petit Prince : Antoine de Saint-Exupéry, le journal d'une vie*. Paris: Jacob Duvernet, 2009.
- GERBER, François. *Saint-Exupéry: Écrivain en guerre*. Paris: Jacob Duvernet, 2012.
- LACROIX, Delphine (Org.). *Pilote de guerre: L'Engagement singulier de Saint-Exupéry — Actes du collègue de Saint-Maurice-de-Rémens 28 et 29 juin 2012*. Paris: NRF; Gallimard, 2013.
- PERSANE-NASTORG, Michèle. *Marie de Saint-Exupéry: L'Étoile du Petit Prince*. Paris: Triomphe, 2013.
- PHILIPPS, John. *Au Revoir, Saint-Ex*. Paris: Gallimard, 1994.
- PRADEL, Jacques; VANRELL, Luc. *Saint-Exupéry: L'Ultime secret — Enquête sur une disparition*. Paris: Rocher, 2008.
- REVILLON, André (Org.). *Dictionnaire Saint-Exupéry*. Paris: Dualpha, 2013.
- SAINT-EXUPÉRY, Consuelo de. *Memórias da rosa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2000.
- WEBSTER, Paul. *Vida e morte do pequeno príncipe*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

Copyright © 2015 by Companhia das Letras

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

*Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens publicadas neste livro, porém isso nem sempre foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.*

TÍTULO ORIGINAL

*Pilote de guerre*

PREPARAÇÃO

Manoela Sawitzki

REVISÃO

Jane Pessoa

Márcia Moura

A tradutora agradece a atenção e os preciosos esclarecimentos de Cláudio Dutra e do major-brigadeiro do ar Adenir Siqueira Viana.

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501  
[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)